

MILITÂNCIA NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST): UM OLHAR PSICANALÍTICO

Eliane Domingues

Eliane Domingues
Universidade
Estadual de
Maringá (UEM),
Departamento
de Psicologia,
Maringá/PR, Brasil.

RESUMO: Pretende-se trazer as contribuições da psicanálise para pensar a militância no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como práticas que ressignificam o passado e podem ser enriquecedoras para os sujeitos. Para tanto, apresentaremos as contribuições dos psicanalistas Arantes (1999) e Muldworf (2000) para o estudo da militância política e faremos uma breve caracterização do MST e de seus militantes. Destaca-se que a adesão a ideais sociais e lugar de prestígio que ocupa o militante no movimento lhe possibilita gratificação e revitalização narcísica e que estas não devem ser negligenciadas pelos movimentos sociais e nos estudos sobre a temática.

Palavras-chave: Militância, MST, psicanálise, narcisismo, ideal do eu.

ABSTRACT: Activism in the Brazilian Landless Workers Movement (MST): A Psychoanalytical View. The objective of this article is to bring contributions of psychoanalysis to think the activism in the Rural Landless Workers Movement (MST) as practices that give new meanings to past and can be enriching for the individuals. To that, we will present the contributions of the psychoanalysts Arantes (1999) and Muldworf (2000) for the study of political activism and make a brief characterization of MST and its members. We emphasize that adherence to social ideals and the prestigious place occupied by the militant in the movement enables one's narcissistic revitalization and gratification and it should not be overlooked by social movements and studies on the subject.

Keywords: Activism, MST, psychoanalysis, narcissism, ideal-ego.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016003014>

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), segundo seu site oficial, foi fundado em 1984 e seus principais objetivos, desde sua fundação, são: “lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por uma sociedade mais justa e fraterna” (MST, 2009). De acordo com Stédile (2012), hoje, cerca de 800 mil famílias vivem em assentamentos conquistados pelo movimento e 200 mil estão em acampamento ou processo de mobilização. Nestes mais de 25 anos de existência, “o MST já conquistou uma área que, se somada, chega a 14 milhões de hectares, porém sua maior conquista foi que o pobre deixou de andar de cabeça baixa” (STÉDILE, 2008).

No MST, ao contrário de outros movimentos sociais contemporâneos — como, por exemplo, os *Sans Papiers*¹ na França — a ação não é privilegiada em relação ao debate ideológico; prática e teoria seguem juntas e são inseparáveis. No MST, os ideais de transformação social continuam a ocupar um lugar privilegiado como orientadores das ações, mas eles são conjugados com ações práticas que visam solucionar necessidades imediatas, como também com ações que visam à construção de uma sociedade melhor, do “novo homem e nova mulher”.

Por exemplo, quando o MST reúne um grupo de famílias e ocupa um latifúndio, está procurando suprir uma necessidade imediata, de restituir àquelas famílias o direito de trabalhar e tirar da terra seu sustento. Quando o MST destrói uma plantação de alimentos transgênicos de alguma multinacional, mostra qual modelo de sociedade e agricultura ele defende, sua luta contra o capitalismo e sua proposta agroecológica. A ocupação de terras e a destruição de plantações de alimentos transgênicos mostram diferentes níveis de ação que são articulados: luta pela terra, luta pela reforma agrária, luta contra o modelo capitalista. Estas ações também são entendidas como espaço de formação de seus militantes, juntamente com os cursos oferecidos pelo movimento em que é enfatizado o debate doutrinário.

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado intitulada “Entre a utopia e o mal-estar: reflexões psicanalíticas sobre os militantes do MST e seus dilemas” (DOMINGUES, 2011)² focaliza especificamente uma parcela dos integrantes do movimento — não saberíamos precisar quantos — denominados militantes. Quais são suas motivações inconscientes? O que caracteriza um militante do MST? Estas são as principais questões orientadoras deste artigo que tem como objetivo trazer as contribuições da psicanálise para o entendimento da temática em uma perspectiva interdisciplinar. Para tanto, recorreremos a algumas

¹ São os estrangeiros que vivem em situação irregular na França e sua reivindicação é a regularização de todos, sendo um de seus slogans “*des papeias, pas de politique*” (regularização, não política) (BLIN, 2005).

² Pesquisa que teve como base o trabalho de campo da autora junto aos militantes do MST, e que foi descrito em Domingues (2011).

pesquisas sobre o MST e seus militantes (BLEIL, 2009; CHAVES, 2000; LEITE, 2008; LERRER 2008; NARITA, 2000; ROSA, 2009 e TARINI, 2007) e encontramos nelas um rico material que foi estudado à luz da psicanálise, tendo como norte as pesquisas sobre militância política de Arantes (1999) e Muldworf (2000).

MILITÂNCIA E PSICANÁLISE

A militância, pensada a partir da psicanálise, é ainda um tema a ser explorado. Encontramos em Arantes (1999) e Muldworf (2000) importantes contribuições para nossas reflexões sobre a militância no MST, embora estes autores abordem outros contextos e momentos históricos.

Maria Auxiliadora Arantes, psicanalista e militante política nos anos de ditadura no Brasil, viveu 11 anos na clandestinidade e colheu, para a pesquisa, depoimentos daqueles que também viveram dez ou mais anos de clandestinidade política no Brasil, no período compreendido entre 1964 e 1979. Foram quatro depoimentos de militantes que fizeram parte da Ação Popular e viveram a experiência de integração na produção. A questão proposta pela autora a todos os entrevistados foi que falassem sobre sua experiência de clandestinidade. A partir destes depoimentos, ela construiu uma “interpretação possível” da clandestinidade política.

Para Arantes (1999), tornar-se clandestino no próprio país foi mais do que uma alternativa de sobrevivência para aqueles militantes que tiveram suas organizações postas na ilegalidade e queriam continuar lutando contra a ditadura: foi uma escolha, embora não totalmente livre, posto que realizada em meio a uma catástrofe política. Não foi uma decisão simples, pois implicou na escolha de um destino — destino que trouxe consigo a necessidade de assumir outra identidade, outro nome, um disfarce, como condição para preservar a vida.

Uma vez realizada a escolha, o que leva o sujeito a manter-se nela por longo tempo é a existência de um prazer necessário ou suficiente,³ ou ambos. O prazer necessário é aquele em que pelo menos as condições mínimas de vivência do eu estão presentes; já o prazer suficiente depende do necessário e está diretamente relacionado à escolha; é o prazer possibilitado pelos investimentos libidinais. Na clandestinidade, de acordo com Arantes (1999), as condições mínimas para a autoconservação e o funcionamento psíquico estavam presentes, o que inclui a presença do outro, fundamental enquanto ponto de apoio e suporte de investimento.

³ As noções de prazer necessário e prazer suficiente utilizadas por Arantes (1999) são de Piera Aulagnier.

O prazer possível (suficiente) que está ao alcance do militante é o do investimento nos ideais revolucionários, o de continuar lutando e defendendo suas ideias, o da vida de riscos e desafios cotidianos. Tudo isso constitui um “a mais” de prazer (para além do prazer necessário) que tornou possível a vida na clandestinidade.

Quanto mais desafiadora a escolha, maior deverá ser o investimento psíquico sobre ela. O clandestino só se mantinha nesta situação — correndo risco de vida e vivendo uma vida de disfarce — à custa de um intenso investimento afetivo.

O recurso ao narcisismo é apresentado por Arantes (1999) como responsável pela manutenção de uma identidade (mesmo que camuflada) e como algo que possibilitasse a resistência em situações-limite. Ela compara o clandestino e seu refluxo libidinal sobre si mesmo a um cacto que armazena dentro de si a água que necessita para viver em solo árido, metáfora que possibilita pensar o retorno da libido sobre si, como uma reserva de energia que “alimentaria” o clandestino quando ele mais precisasse.

Uma vez apresentada de modo breve a pesquisa de Arantes (1999) sobre a clandestinidade política no Brasil, passemos à pesquisa de Muldworf (2000) sobre os militantes do Partido Comunista Francês (PCF),⁴ ele, como Maria Auxiliadora Arantes, também psicanalista e militante.

Muldworf (2000) inicia seu livro *Figures de la croyance: amour, foi religieuse, engagement militant* dizendo que quando era militante ia dormir tarde, em função das reuniões de trabalho e dos debates políticos, e que às vezes nem dormia, mas, apesar do cansaço, estava “feliz e sereno”. Conforme o tempo foi passando, começou a se questionar sobre suas crenças e as questões tornaram-se dolorosas. A reflexão iniciada com este questionamento e o sofrimento que o acompanhou deram origem ao livro.

Seu trabalho concentrou-se em escutar numerosos militantes do PCF na clínica e também nos debates políticos dos quais participou. De sua experiência pessoal e de tudo que escutou de outros militantes, conclui, como Arantes (1999), que a militância implica um intenso investimento afetivo. É o investimento afetivo a força que move a militância, e é a partir dela que o autor se questiona sobre a crença, sua natureza e necessidade.

Para Muldworf (2000), o militantismo comunista, apesar de ter sua base racional na obra de Marx e Engels, funciona como um tipo de credo (“as provas virão depois”), uma história de amor, uma paixão:

⁴ O PCF foi fundado em 1920 como uma Seção da Internacional Comunista, seguia o modelo do partido bolchevique russo. Muldworf filiou-se ao PCF em 1945.

“Não é possível se lançar no projeto de ‘mudar o mundo’, ou de ‘mudar a vida’, sem um grande fervor de esperança, mobilizando o ser como um todo. Trata-se de um fervor afetivo que vem das profundezas do ser, e o qual somente a palavra crença pode representar. Não se trata de desqualificar a crença, de qualquer modo, ela está lá. Trata-se de compreendê-la, em suas necessidades psicológicas, seus mecanismos de ação, e as diferentes figuras que a expressam.” (MULDWORF, 2000, p.26)⁵

Assim como Arantes (1999), Muldworf (2000) encontra no narcisismo um caminho para a compreensão do militantismo comunista. Segundo o autor, “a fragilidade narcísica produz militantes ávidos por reconhecimento pessoal e estes encontram na atividade militante a revitalização narcísica que é para eles uma necessidade vital” (p.99). O sistema de pensamento que fundamenta as ações do militante e o próprio agir lhe dão o sentimento de que estão fazendo história, de que podem mudar o curso dos acontecimentos e de que fazem parte de algo que é maior que eles. Tal sentimento possibilita ao militante uma revitalização narcísica, é altamente mobilizador, dá força para enfrentar situações adversas e até mesmo colocar a vida em risco.

O militante acredita que está fazendo o que é certo, que age em nome de uma verdade, acredita que porta a “boa palavra”. Sua ação é ao mesmo tempo individual e coletiva: individual por envolver o sujeito e sua história pessoal; e coletiva por envolver uma instituição, um partido, um sindicato, uma associação. Dentro dos grupos dos quais o militante faz parte, além do grupo familiar e socioeconômico-cultural, o coletivo no qual ele milita ocupa importante lugar em sua vida e lhe oferece uma visão de mundo, uma ética, regras de como viver. Quanto mais ambicioso é o projeto político defendido pelo coletivo, maior será o lugar que a militância ocupará na vida do militante, podendo até mesmo englobar todos os aspectos de sua vida (MULDWORF, 2000).

A estrutura piramidal e hierárquica dos partidos impõe verdades e certezas aos militantes e age como uma espécie de supereu (idem). Impõem modelos a serem seguidos, cobram, controlam, exigem determinados padrões éticos e morais e, ao mesmo tempo, oferecem ideais nos quais os sujeitos se enlaçam e que possibilitam uma satisfação narcísica. É o ideal, segundo Muldworf, “a coluna vertebral da identidade militante”.

“O ideal do eu, é a estrutura que acolhe as manifestações da idealidade. Seu papel é duplo: de uma parte, ele participa do sistema de regulação pulsional, de outra parte, ele proporciona ao indivíduo uma imagem de si que lhe dá satisfação. E é em relação a esta imagem de si que o ideal do eu mede a estima à qual o indivíduo tem

⁵ Tradução nossa — desta e de todas as citações de Muldworf (2000).

direito, em função da eficácia de sua atividade militante, de certa forma, é possível dizer que o militante se encontra na situação do apaixonado, que se beneficia da imagem positiva da pessoa amada como se partilhasse uma parte de seu charme.” (MULDWOLF, 2000, p.140)

A idealização é um sentimento constitutivo das relações amorosas, nelas incluídas as relações fraternas e de amizade. Para Muldworf (2000), devemos ser indulgentes com este sentimento, pois “o amor deixa cego” e não é condizente com a paixão a representação do objeto amado com suas falhas e defeitos. O militantismo é, para o autor, uma paixão no estrito senso e na amplitude do termo, incluído aí o sentido da paixão no cristianismo. Se perdemos o objeto amado ou este nos rejeita, se a crença é abalada, a ilusão se desfaz e a consequência é o sentimento de fracasso e sofrimento. É este o sentimento que Muldworf (2000) identificou em si e em outros militantes, quando, mais cedo ou mais tarde, começaram a questionar suas crenças no PCF e a abandonar o partido, vivenciando uma espécie de luto.

O processo de luto implica que o objeto que foi perdido — no caso, a crença no partido e nos ideais que ele sustenta — seja pouco a pouco desinvestido, o que demanda energia e trabalho psíquico. Muldworf (2000) destaca que o luto do militante que abandona o partido não dizia respeito apenas à crença perdida, mas sim também à perda dos benefícios narcísicos que acompanhavam a adesão ao partido, e que tais perdas abalaram a própria imagem que o militante tinha de si, imagem construída em articulação com ideais sustentados pelo partido. Sobre um suposto narcisismo ou fragilidade narcísica do militante, o autor diz:

“De uma forma geral, ‘a política’, o engajamento em uma atividade política, com um plano de carreira, não é feito de Santos tomados de um brusco acesso de amor universal por seus próximos. Quaisquer que sejam as situações, o ‘*metier*’ do homem político procede de uma aspiração narcísica, de uma dinâmica ilimitada, porque este ‘*metier*’ é mais propício a este gênero de satisfação. Ainda mais que o show-biz, e bem entendido, mais que as atividades literárias e científicas. Não se pode compreender de outra forma a veia narcísica que atualiza as rivalidades, os golpes baixos, as manobras diversas e variadas que são frutos de uma estratégia de tomada de poder.” (MULDWOLF, 2000, p.99)

Neste ponto, convém destacar as diferentes utilizações que Muldworf (2000) e Arantes (1999) fazem do narcisismo. Ambos estariam de acordo com a ideia de que a adesão a ideais possibilita certa satisfação narcísica àqueles que aderem a eles (ideia que já está em Freud), no entanto seguem diferentes caminhos no enfoque que dão ao narcisismo.

Arantes (1999), partindo das ideias de Freud (2010/1915) do retorno da pulsão sobre si mesmo e de que a libido pode deslocar-se de um objeto ao outro, sendo que o próprio Eu pode ser tomado como objeto (FREUD, 2010/1914), propõe a ideia de refluxo libidinal sobre si mesmo para dar conta de explicar a resistência do militante clandestino em situações-limite. Para isto usa como figura o cacto que armazena dentro de si a água de que necessita para viver em solo árido: assim também seria o clandestino, que faria retornar a si mesmo a libido investida nos ideais, no momento em que estes parecem cada vez mais distantes em meio à cruel realidade da clandestinidade.

Muldworf (2000) é bem incisivo em atribuir certo caráter narcísico ao militante que busca poder e fazer carreira no partido. Em oposição a este tipo de engajamento, ele propõe a ideia de um engajamento místico ou religioso, daqueles que vivem sua “paixão na dor” (como Cristo). Narra sua adesão ao PCF, dizendo que ele era: pobre, estrangeiro e judeu e que a adesão ao partido o ajudou a assumir-se como judeu (mesmo que ateu), deu-lhe direito à existência e à palavra, “palavra de revolta investida em um projeto revolucionário” (p.124). Destaca que, tal como ele, muitos outros militantes encontraram em sua adesão ao PCF um “sentido para sua vida” e a possibilidade de “melhor suportar suas misérias materiais e morais” (p.140).

As análises de Muldworf (2000) têm forte conotação afetiva de alguém que foi militante do PCF e viveu na própria carne todos os conflitos e contradições que enfrenta um militante em seu cotidiano. Suas análises também refletem uma tendência, constatada por Péchu (2001) nas análises francesas, de atribuir ao sentimento de desvalorização valor determinante para o engajamento militante. Tais análises propõem que diante das frustrações sociais o sujeito encontraria na militância um caminho para sua valorização.

Ao contrário de Muldworf (2000), Offerlé (2005) considera mecanicista a divisão entre aqueles que militam por uma causa e aqueles que militam por interesses pessoais. Para ele, é importante investigar como os interesses e a causa devem ser conjugados para que se possam explicar as diferentes formas do militantismo. As satisfações, retribuições e gratificações pessoais não devem ser negligenciadas nesta investigação.

Se por um lado o raciocínio de Muldworf (2000) pode ser mecanicista, por outro sua ideia da revitalização narcísica que obtém o militante com sua prática — independentemente de motivações egoístas ou altruístas —, é muito pertinente para pensarmos também os militantes do MST. Antes disso, porém, se faz importante discorrer um pouco sobre a ideia de revitalização narcísica que embora fundamental no livro de Muldworf não é teorizada por ele. Retomaremos o conceito de narcisismo em Freud e a relação satisfação narcísica e ideais sociais para propor um possível entendimento da ideia de revitalização narcísica.

Freud (2010/1914) define o narcisismo como “o complemento libidinal do instinto de conservação” (p.15) e diz que o narcisismo tal como em seu estágio original (no bebê) deve ser abandonado, o que cria o desejo de reconstituição deste estado de satisfação em que o sujeito bastava a si mesmo, e deste desejo e da influência externa se forma o ideal do eu. Com a constituição do ideal do eu, parte do investimento libidinal do sujeito será direcionada a ele, e a satisfação, uma vez obtida com o investimento no eu, passará a também ser obtida quando o ideal é atingido. Os investimentos em objetos externos, que começam juntamente com a formação do ideal do eu, passaram a ser também fonte de satisfação, desde que a libido que vai para o objeto, empobrecendo o sujeito, também retorne a ele, enriquecendo-o. A partir da formação do ideal do eu, o amor-próprio do sujeito dependerá destas três fontes de satisfação: do que sobrou do narcisismo infantil, da “onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu)” e da satisfação da libido objetual (p.48).

O amor-próprio, segundo Freud (2010/1914), é “expressão da grandeza do Eu” (p.45). O cumprimento do ideal aumenta o amor-próprio ao confirmar o primitivo sentimento de onipotência infantil, enquanto o distanciamento em relação ao ideal pode ocasionar o sentimento de frustração e fracasso. Amar alguém, por sua vez, não aumenta o amor-próprio, muito pelo contrário, o indivíduo que ama perde uma parte da sua libido, que somente volta para esse indivíduo quando ele é amado. “O amar em si, enquanto ansiar, carecer, rebaixa o amor-próprio, e ser amado, achar amor em troca, possuir o objeto amado, eleva-o novamente” (p.47).

O ideal do eu é o “herdeiro do narcisismo perdido da infância”, o estímulo para sua formação; no entanto, vem da influência crítica dos pais, à qual vem se agregar a crítica de outros membros da sociedade. Esse estímulo faz do ideal do eu uma instância narcísica e social marcada pelo narcisismo infantil abandonado e pela influência crítica da sociedade representada, em um primeiro momento, pela voz dos pais. Freud termina seu texto sobre o narcisismo enfatizando esta dimensão social do ideal do eu: “Do ideal do Eu sai um importante caminho para o entendimento da psicologia de massa. Além do seu lado individual, ele é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação” (FREUD, 2010/1914, p.50).

Instância ao mesmo tempo narcísica e social, o ideal do eu desempenha importante papel no sistema de regulação pulsional dos sujeitos, articula-se e interage com os ideais sociais. Estes últimos, por sua vez oferecem aos sujeitos uma antecipação do gozo no plano imaginário daquilo que é esperado como realidade futura (BERTRAND, 1989).

“Os ideais sociais, que se expressam no plano simbólico, proporcionam uma grande satisfação narcisista e por isto são tão fortemente investidos. De onde vem esta satisfação? Entre outras coisas de uma promessa de reparação que lhes é inerente. Frente às privações infringidas pela natureza ou pela sociedade, frente ao sofrimento infligido pelos outros homens, oferece-se a imagem de um eu reparado, restaurado com suas capacidades plenamente desenvolvidas, com seus direitos restabelecidos.” (BERTRAND, 1989, p.27)

Muldorf (2000) no entanto, não propõe apenas a ideia de um satisfação narcísica, ele vai mais longe com a ideia de revitalização narcísica proporcionada pela militância. Militantes ávidos por reconhecimento encontrariam na militância uma forma de reconhecimento pessoal e de suprir certa “fragilidade narcísica”. Esta “fragilidade narcísica” é explicada por ele como um traço de caráter daqueles que buscam prestígio e fazer carreira no partido, ou como resultante de condições de vida excludentes como a dele que era “pobre, estrangeiro e judeu”. Situações de vida degradantes, podem trazer como consequência uma espécie de “desvitalização narcísica” e a adesão a ideias sociais, a militância poderia suprir esta carência. Esta segunda explicação é a que adotamos neste artigo para pensar quais seriam as motivações inconscientes que levariam à militância no MST.

OS MILITANTES DO MST

Em uma pesquisa sobre os militantes do MST, buscando as contribuições da psicanálise para pensar esta temática, é importante destacar o trabalho de Maria Rita Kehl que desde 2006 atende como psicanalista militantes do movimento na Escola Nacional Florestan Fernandes. Kehl (2009) define esta atividade como sendo sua prática militante e quando indagada pelo jornal *Zero Hora* se ela não temia idealizar o MST ou seus militantes, responde:

“O que eu sinto que idealizo, no MST, é a formação humana que eles conseguem obter. A maior parte dos militantes veio de meios sociais violentos, com pouca escolarização, pouca noção de dignidade e respeito, tanto do sujeito quanto na relação com o outro. No movimento, o valor da leitura, do conhecimento, da lealdade e da solidariedade, são imensos. [...] Para você ter uma ideia, sabe qual é a maior demanda de ‘ascensão social’ entre eles? Não é ganhar mais ou subir para uma posição de poder: é ser incluído entre os que podem estudar mais, entre os que têm direito a frequentar os cursos, etc. Eles são seríssimos quanto a este aspecto; e quanto à solidariedade também, apesar de todos os defeitos humanos, que são os mesmos que os de todos nós.” (KEHL, 2009)

Este trecho da entrevista de Kehl (2009) reconhecendo que a admiração pelo movimento e por todas as suas conquistas pode implicar certa idealização do movimento, é o que identificamos em outras pesquisas, entre as quais nos incluímos. Isto de alguma forma traz repercussões na caracterização do militante do MST que encontramos em diversas pesquisas e que apresentamos a seguir. Com apresentação desta caracterização do militante, não pretendemos propor um tipo universal de militante do MST que desconsidera as especificidades do sujeito e do contexto regional em que ele está inserido, pretendemos apenas destacar pontos em comum entre as pesquisas.

O militante do MST é devotado à causa da transformação social e sua militância está muito longe da ideia de “livre serviço”.⁶ O militante do MST não luta apenas pela terra e pela reforma agrária, ele luta pela transformação social e pela construção de uma sociedade mais justa e fraterna. O título da tese de Bleil (2009) *Engagement corps et âmes: vies et luttes des sans terres dans le sud du Brésil*, mostra bem como é o engajamento do sem-terra. Lerrer (2008), que assim como Bleil (2009) também fez sua tese sobre militantes do MST no Sul do Brasil, pensa da mesma forma: “A entrada no MST como militante pressupõe um ‘engajamento total’, fundamento do engajamento ‘revolucionário’, o que por sua vez, modela as disposições dos agentes, sua representação do mundo, seus repertórios de ação e acabam por marcar fortemente a vida de seus militantes” (LERRER, 2008, p.95).

Quantos no MST são militantes que têm este tipo de engajamento é difícil saber, porém, estes militantes existem, os pesquisadores citados se encontraram com eles, ouviram suas histórias. Nessa pesquisa, parte-se da ideia de que nem todos os integrantes do MST são militantes, ao contrário de Bleil (2009), que entende que os participantes do MST são todos militantes, embora com diferentes níveis de engajamento. Bleil (2009) diferencia a “base” (militantes menos engajados) dos “quadros” (militantes mais engajados). A definição de quadro que ela utiliza é do próprio MST:

“É [do quadro] a pessoa que adquiriu um nível elevado de desenvolvimento político, alguém que chegou a se dar uma orientação para agir, de maneira autônoma, na aplicação das linhas políticas de sua organização e que é capaz de transmitir à base. Além disso, o quadro executa de maneira consciente e disciplinada todas as tarefas, ele se consagra à aplicação de todos os princípios revolucionários e ele se dispõe

⁶ Esta ideia de militância “livre serviço” encontramos em (ION, FRANGUIADAKIS & VIOT, 2005) e significa que o militante ora está militando por um movimento, ora por outro. Um outro termo desenvolvido por Jacques Ion para caracterizar a militância na atualidade é *post-it* (aqueles papeizinhos que podemos colar e descolar de qualquer lugar sem deixar marca), o militante *post-it* é aquele que se engaja em uma causa pontualmente e que nem chega a estabelecer um vínculo duradouro com alguma organização.

a colocar a vida em perigo pela causa: a transformação.” (MST, apud BLEIL, 2009, p.327, tradução nossa)

Ao invés de falar em militantes mais ou menos engajados, adota-se neste artigo a ideia de que o MST é formado de integrantes que compõem a “base” do movimento e daqueles que são “militantes”. Os líderes e dirigentes são incluídos entre os militantes, pois, embora ocupem um posto mais elevado na hierarquia do movimento, eles também são movidos pelos mesmos ideais de transformação social.

Os integrantes que compõem a base do MST podem se transformar em militantes a partir da participação nas atividades do movimento. Em geral, a participação começa com o desempenho de alguma tarefa no acampamento e pode se transformar em ação política fora dos limites deste. Segundo Narita (2000), existem aqueles integrantes que começam a participar por “interesses próprios”, seja porque a participação pode ser um critério para conseguir a terra, seja pelos supostos benefícios que o militante teria, como mais poder ou status dentro do movimento; mesmo que alguém comece a participar movido por “interesses próprios”, o ato de participar é em si formativo e transforma os sujeitos, que podem vir a aderir aos ideais do MST e a se tornar um de seus militantes.

Há também aqueles que ingressam no movimento já como militantes, como é o caso de muitos jovens. Estes, não necessariamente vêm do campo, e se vinculam ao movimento pelo desejo de lutar por uma sociedade mais justa, e também, como diz Caldart (apud LEITE, 2008) porque “estão em busca de um sentido para sua vida” (p.69).

A ação política, ao contrário das atividades cotidianas de um acampamento ou assentamento, é a tarefa preferida pelos militantes, que encontram nela a possibilidade de realização e reconhecimento pessoal no coletivo. Ela traz para o militante a sensação de ser mais potente, aumenta sua autoestima e bem-estar, além de proporcionar mais poder ou status dentro do movimento e a possibilidade de o sujeito se deslocar e ocupar outros espaços sociais. Em consequência disso, a militância pode ser vivenciada muito mais como “uma afirmação de si no espaço coletivo” do que como um ato de sacrifício pessoal em nome de todos (NARITA, 2000).

Entendemos que a adesão aos ideais do MST é o primeiro critério para designar quem é ou não militante do MST. Esta adesão implica não somente lutar pela terra, mas também pela reforma agrária e por uma sociedade mais justa e fraterna. A não adesão à totalidade destes ideais leva a diferentes sentimentos de pertença ao MST. Assim, é comum entre aqueles que compõem a base do movimento referir-se aos militantes e dirigentes do movimento como “eles do

MST” ou afirmar que saiu do MST quando deixou de ser militante, mesmo que continue vivendo e trabalhando em um de seus assentamentos.

São “eles do MST”, os militantes, os encarregados de transmitir os ideais do movimento e de mobilizar a base. Eles “são personagens estratégicos”, fundamentais para a consecução do projeto político do MST (LEITE, 2008). Quando o MST estava se constituindo em âmbito nacional, coube a alguns militantes do Sul do Brasil a tarefa de se deslocar para o Nordeste com o objetivo de formar outros militantes e assim também nacionalizar e integrar lutas isoladas, como diz Lerrer (2008).

Estes primeiros militantes do Sul que partiram rumo ao Nordeste, na década de 1980, tinham em comum a pouca idade, a origem camponesa (filhos de pequenos proprietários rurais), formação educacional média, alguma militância na Igreja Católica (Comunidade Eclesiais de Base, Pastoral da Juventude), e serviram de modelo para aqueles que depois deles vieram a exercer a mesma tarefa. Lerrer (2008) chamou a geração destes militantes de “militância por devoção” e destaca que esta geração ajudou a construir o *habitus* militante do MST. Todos os militantes entrevistados por ela tornaram-se dirigentes importantes no movimento e tipos ideais para aqueles que vieram depois deles a militar no movimento.

Este *habitus* militante do MST, este “estilo” de militar do MST, segundo Lerrer (2008), pressupõe “um engajamento total”, colocar a vida e os projetos pessoais a serviço de uma missão e de projetos coletivos. A influência dos valores católicos do missionarismo e da devoção ao *habitus* militante são marcantes. Para Chaves (2000),

“É como se, levado às últimas consequências o seu propósito de ‘transformar a sociedade’, o MST como Organização recobrisse não uma esfera da vida, mas a vida em várias de suas esferas, permitindo aos sujeitos que nele se integram a dedicação completa que supõe o conceito de vocação — o que equivale a dizer que a ‘luta’ torna-se um sentido de vida.” (CHAVES, 2000, p.52)

A dedicação ao movimento é uma exigência que se impõe cotidianamente aos militantes do MST e a devoção à causa da reforma agrária e da transformação social implica sacrifício pessoal, e sua luta é entendida como de caráter “sagrado”. Os projetos pessoais passam para segundo plano ou são articulados aos projetos coletivos.

O militante é quem adere aos ideais de reforma agrária e transformação social do MST, adesão que implica dedicação ao movimento. Juntamente com a adesão aos ideais e a dedicação ao MST, o desempenho de alguma tarefa e a participação nos cursos do movimento vêm compor este quadro que caracteriza o militante do MST. Segundo Lerrer (2008), são militantes

“(...) aqueles que ocupam um cargo ou uma função específica na hierarquia do MST e dentro de seus setores e que, para tanto, passaram por vários cursos de formação onde foram construindo laços de sociabilidade e incorporando não só os discursos, as bandeiras de luta, como o *habitus* militante da organização.” (LERRER, 2008, p.178)

No MST, o militante é, por definição, alguém que está em constante formação, em cursos e congressos do movimento, em encontros, manifestações, ocupações, etc. Receber o convite de uma liderança para fazer um dos cursos do MST é visto como um sinal de reconhecimento, ascensão, prêmio, e os cursos são para o MST também uma ocasião para que novos militantes sejam revelados (LERRER, 2008).

Para finalizar esta caracterização do que é ser militante do MST, é importante acrescentar que isto é também uma escolha: uma escolha, como diz Lerrer (2008), de como viver a juventude, já que é uma escolha quase sempre feita nesta fase da vida.

EM BUSCA DE UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DA MILITÂNCIA NO MST

Acreditamos que a militância no MST pode, sim, possibilitar certa revitalização narcísica ao militante, proporcionada pela adesão aos ideais sociais sustentados pelo MST e — por que não? — também pelo lugar que este passa a ocupar junto ao movimento e à sociedade. No caso dos militantes do MST, nossa hipótese é a de que a necessidade de revitalização narcísica se constituiria a partir de situações sociais que produziriam o efeito inverso de “desvitalização” narcísica — como, por exemplo, as situações de humilhação social —, e a militância representaria a possibilidade de enfrentar estas situações e obter reconhecimento jurídico (acesso aos direitos de participação política e bem-estar) e social (ser reconhecido por seu valor individual).

Segundo Honneth (2009), são três os padrões de reconhecimento: o reconhecimento pelo amor, o reconhecimento jurídico e o reconhecimento social. A cada padrão de reconhecimento corresponde um padrão de desrespeito, que ocorre quando o sujeito tem seu reconhecimento recusado. Os maus-tratos físicos são um padrão de desrespeito que corresponde a uma recusa do reconhecimento pelo amor. O não acesso aos direitos de participação política e de bem-estar corresponde a uma recusa do reconhecimento jurídico. O reconhecimento jurídico significa para o sujeito que ele tem o mesmo valor que os outros na sociedade. Por outro lado, se o sujeito precisa ser “igual” aos outros, ele também precisa ser reconhecido em sua particularidade, o que em outros tempos se chamava ‘honra’ e hoje pode ser chamado de ‘reputação’, ‘prestígio social’. A negação do reconhecimento do indivíduo por seu valor individual corresponde à recusa

do reconhecimento social. Estas duas últimas formas de reconhecimento e sua denegação estão profundamente interligadas.

Após Freud, muitos psicanalistas passaram a diferenciar ideal do eu e eu ideal, embora não exista consenso nesta diferenciação, seu emprego nos auxilia a esclarecer de que tipo de satisfação narcísica estamos falando, adotaremos a definição proposta por Costa (1988). Para ele, o eu ideal é uma representação idealizada do eu sem falhas, imagem especular do eu narcísico, definição que se aproxima da proposta por Lacan, eu ideal como identificação especular, regido pelo registro do imaginário. O eu ideal é uma formação arcaica ligada à onipotência infantil e remete ao passado e ao presente, enquanto o ideal do eu aponta para o futuro, para o vir-a-ser do eu, a perfeição a conquistar. O ideal do eu é marcado pela falta e a perfeição é um estado a alcançar, e para isso devem-se seguir determinadas regras e modelos e adiar o prazer imediato em troca de um prazer ideal que virá no futuro.

O “narcisismo normal” do sujeito adulto implica que o eu ideal (imaginário) esteja subordinado ao ideal do eu (simbólico), enquanto no “narcisismo patológico” não há esta subordinação do imaginário ao simbólico e este último, longe de ser uma exceção, torna-se cada vez mais a norma na sociedade atual (ZIZEK, 1992)

“‘Abnegação’, ‘submissão a um compromisso mais elevado’, etc., são apenas nomes um tanto patéticos para o compromisso simbólico, para a autoridade simbólica do ideal do eu. Em lugar de uma integração de uma lei propriamente dita, temos uma multiplicidade de regras a serem seguidas: regras para ter sucesso, regras de adaptação — o sujeito narcísico só conhece ‘regras do jogo social’ que lhe permitam manipular os outros, ao mesmo tempo em que se mantém distante de um compromisso sério.” (ZIZEK, 1992, p.71)

A sociedade atual, que promove o chamado “narcisismo patológico”, foi chamada por Lasch de “cultura do narcisismo”. Para Severiano (2007), a “cultura do narcisismo” oferece aos sujeitos “ideais particularistas de consumo” como “fonte privilegiada de identidade e realização pessoal”. Estes “ideais particularistas de consumo” são divulgados para todos por meio da linguagem publicitária, que a autora compara e diferencia da linguagem utópica. Enquanto a linguagem utópica reconhece as falhas e critica o presente projetando a felicidade de todos para um futuro, a linguagem publicitária oferece a satisfação imediata, satisfação que é articulada à idealização dos produtos a serem consumidos e do próprio consumo. Retomando Zizek (1992), é possível dizer que a linguagem publicitária age diretamente sobre o imaginário do sujeito, apelando à insubordinação do eu ideal ao ideal do eu.

Na contramão da “cultura do narcisismo”, os ideais que o MST sustenta visam ao coletivo e ao compromisso simbólico e ético do sujeito para o bem de todos, ligam os sujeitos entre si e alcançam diretamente o ideal do eu dos seus militantes proporcionando-lhes uma gratificação narcísica.

No entanto, sempre deve existir entre o que o sujeito é agora (eu) e o que almeja torna-se (ideal do eu), assim como a distância entre a sociedade atual e a sociedade ideal. É isso que move os sujeitos. Algo sempre deve faltar para que o desejo siga seu curso, mas o que falta para que os sujeitos não sejam lançados na angústia deve ancorar-se em um projeto de futuro, em uma esperança.

CONCLUSÃO

Para concluir, é possível afirmar que o sentimento de valorização de si que o militante obtém por ocupar um lugar de prestígio no movimento e por aderir a ideais sociais, sentimento este identificado nas pesquisas de Lerrer (2008), Narita (2000) e Rosa (2009), pode ser interpretado a partir da psicanálise como gratificação narcísica e revitalização narcísica.

Gratificação ou satisfação narcísica pela articulação do ideal do eu — instância psíquica — do militante aos ideais sociais, a algo que ultrapassa o próprio sujeito e ao mesmo tempo pelos ganhos que o sujeito obtém em termos de reconhecimento pessoal dentro do movimento e perante a sociedade. Devemos destacar que estes ganhos narcísicos, mesmo que por um lado possamos articulá-los ao ego ideal, este encontra-se subordinado ao ideal do eu, estão de alguma forma articulados aos ideais sociais que visam ao bem comum.

Já a revitalização narcísica pressupõe uma desvitalização anterior e, no caso dos militantes do MST, acreditamos que a necessidade de revitalização narcísica se constituiria a partir de situações sociais que produziram o efeito inverso de “desvitalização” narcísica — como, por exemplo, as situações de humilhação social —, e a militância representaria a possibilidade de enfrentar estas situações e obter reconhecimento jurídico (acesso aos direitos de participação política e bem-estar) e social (ser reconhecido por seu valor individual). Estes dois tipos de reconhecimento, que foram descritos por Honneth (2009), são fundamentais para a permanência do sujeito na militância.

Os direitos para a coletividade precisam ser conquistados, porém o sujeito também precisa ser reconhecido e valorizado enquanto tal, do contrário pode deixar o movimento no qual milita.

Recebido em 18/5/2013. Aprovado em 6/1/2014.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, M. A. A. C. (1999) *Pacto re-velado: psicanálise e clandestinidade política*. 2 ed. São Paulo: Escuta.
- BERTRAND, M. (1989) "O homem clivado: a crença e o imaginário", in SILVEIRA, P. & DORAY, B. (Orgs.) *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice.
- BLEIL, S. (2009) "Engagement corps et âmes: vies et luttes des sans terres dans le sud du Brésil". Thèse de Doctoract, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.
- BLIN, T. (2005) *Les sans-papiers de Saint-Bernard: mouvement social et action organisée*. Paris: L'Harmattan.
- CHAVES, C. A. C. (2000) *A marcha nacional dos sem-terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- COSTA, J. F. (1989) "Narcisismo em tempos sombrios", in FERNANDES, H. R. (Org.) *Tempo do desejo*. São Paulo: Brasiliense.
- DOMINGUES, E. (2011) "Entre a utopia e o mal-estar: reflexões psicanalíticas entre os militantes do MST e seus dilemas". Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FREUD, S. (2010/2011) *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1914) "Introdução ao narcisismo", v.12, p.13-50.
- (1915) "Os instintos e seus destinos", v.12, p. 51-81.
- (1921) "Psicologia de massas e análise do Eu", v.15, p.13-113.
- HONNETH, A. (2009) *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. 2 ed. São Paulo: 34.
- ION, J.; FRANGUIADAKIS, S. & VIOT, P. (2005) *Militer Aujourd'hui*. Paris: Autrement.
- KEHL, M. R. B. (2009) Entrevista sobre o MST. *Jornal Zero Hora*. Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=252>. Acesso em 25/9/2013.
- LEITE, J. F. (2008) "A militância em movimento: amizade e maquinação de modos de existência no MST". Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- LERRER, D. F. (2008) "Trajetória de militantes sulistas: tradição e modernidade do MST". Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicada ao Conhecimento do Mundo Rural, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MST. (2009) *Nossos objetivos*. Disponível em: <http://www.mst.org.br/taxonomy/term/324> Acesso em 11/1/2012.
- MULDWOLF, B. (2000) *Figures de la croyance: amour, foi religieuse, engagement militant*. Paris: L'Harmattan.
- NARITA, S. (2000) "Estudo dos processos psicossociais que motivam um grupo de trabalhadores à participação no movimento dos trabalhadores rurais sem terra no pontal do Paranapanema-SP". Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- OFFERLE, M. (2005) *Mutation du militantisme: une réflexion croisée*. Disponível em: <http://www.argentinaobs.com/archivemutationdumilitantisme.html> Acesso em 18/8/2011.
- PECHU, C. (2001) *Les générations militantes à Droit au logement*. *Revue Française de Science Politique*, a.51, v.1-2, p.73-103.
- ROSA, M. C. (2009) *Biografias e lutas por terra em Pernambuco*. *Tempo Social*, a.21, v.1, p.157-180.
- SEVERIANO, M. de F. V. (2007) *A idealização na publicidade: refúgio último dos ideais ou o avesso da utopia*, in XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO. Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_91.pdf Acesso em 2/7/2011.
- STÉDILE, J. P. (2008) *Vídeo: o novo momento do MST*. Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/7734> Acesso em 16/10/2010.
- _____. (2012). *Entrevista no Programa Provocações*. Disponível em: <http://www.mst.org.br/content/veja-entrevista-de-joao-pedro-stedile-no-programa-provocacoes> Acesso em 10/1/2012.
- TARINI, A. M. F. L. (2007) *“As condições de produção dos discursos de identidade: um estudo sobre jovens militantes do MST”*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.
- ZIZEK, S. (1992) *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Eliane Domingues

elianedomingues3@hotmail.com

